



BOLETIM DA UNIÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DO ESPÍRITO SANTO  
N.º 176 OUTUBRO A DEZEMBRO 2014

**Redação e Correspondência:**

UNIASES  
Apartado 1098  
4710-908 BRAGA  
Tel.: 253 951 257

**Diretor:**

Alberto Melo  
**Chefe de Redação:**  
Francisco Pinto  
**E-mail:**  
ases@portugalmail.pt

**Propriedade:**

União dos Antigos Alunos do Espírito Santo

**Distribuição:**

ASES

**Periodicidade:**

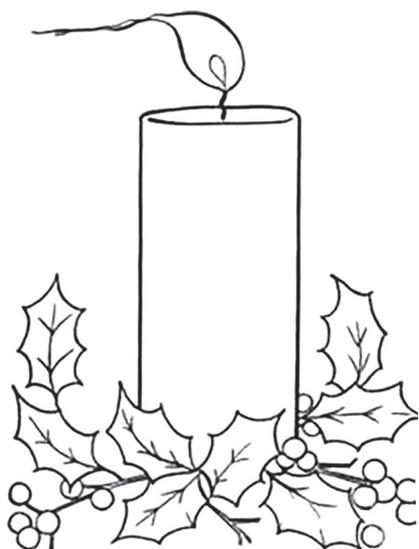
Trimestral - Reg. no I.C.S. n.º 112314

**Tiragem:**

1600 Exemplares  
Assinatura Anual: 5,00 €  
**Composição e Impressão:**  
Tadinense - artes gráficas  
www.tiptadinense.pt

## Editorial

### BOAS-FESTAS



Atendendo aos condicionalismos editoriais e aos prazos definidos da periodicidade trimestral do nosso Boletim UNIASES, que chegará às mãos dos seus leitores quando o ano de 2015 já entrou portas adentro, torna-se de todo impossível desejar as “Boas Festas” no tempo oportuno. Restamos esperar que todos as tenham celebrado em clima de amor, de paz, de solidariedade e

na união familiar à semelhança dos acontecimentos recentemente vividos: o nascimento no presépio de Belém.

Um nascimento é sempre motivo de festa e este muito mais para os crentes que, despojados de ódios e rancores, deveriam ser portadores da verdadeira alegria, reconhecendo através do sorriso meigo do Menino do presépio, que todos os homens são iguais e merecedores de respeito mútuo.

O presépio a que Deus, todos convidou, continua e continuará vivo enquanto reconhecermos nos rostos dos que nos rodeiam o Menino há dois mil anos nascido.

Permanentemente em Festa, o Natal é todos os dias. Assim, ainda que ultrapassada a época propícia e referida no calendário, os nossos sinceros votos de BOAS FESTAS a todos os antigos alunos e suas famílias, que no seu dia vivem e celebram o verdadeiro espírito de Natal.

**Alberto Melo**  
(Presidente da Direção)

## ENCONTRO DA TORRE D'AGUILHA

LISBOA - 11 E 12 DE ABRIL 2015

**Inscrições para os do NORTE:**

**Américo Ferreira** Tel. 227 311 025 - 96 566 99 58

**Serafim Oliveira** Tel. 256 312 127 - 96 560 92 33

**Francisco Pinto** Tel. 253 951 257 - 91 944 19 70

ases@portugalmail.pt

**ASES do SUL,**

*aguardar p.f. a oportuna e habitual convocatória*

**Alberto Melo** Tel. 214 445 827 - 96 969 05 51

alberto.r.melo@netcabo.pt

*Nota: Para garantia do autocarro e organização do programa necessitamos que as inscrições se façam até ao dia 20 de março, sem falta.*

## ENCONTRO DO MINHO

SÁBADO – 14 DE FEVEREIRO 2015

SEMINÁRIO DA SILVA

**Inscrições:**

**Isidro Linhares**

Tel. 969 946 711

**Costa Pereira**

Tel. 253 839 500

**José Manuel**

Tel. 253 882 236 - 963 741 196

ases@portugalmail.pt

## LAMPREIADAS

O INDISPENSÁVEL E SEMPRE  
DESEJADO ENCONTRO  
GASTRONÓMICO

**NORTE - MELRES - GONDOMAR**  
“LUCIANO”

SÁBADO - 7 DE MARÇO 2015

Organização - Manuel Santos Lopes

Tel. 224 760 565 - 965 039 366

manuelasantoslopes@gmail.com

**SUL - LEZIRÃO / AZAMBUJA**

SÁBADO - 14 DE MARÇO 2015

Estão abertas as inscrições (ASES do Sul)  
para preenchimento do autocarro a contratar

Organização - Alberto Melo

Tel. 214 445 827 - 969 690 551

alberto.r.melo@netcabo.pt

## FRAIÃO – e já lá vão 25 anos...



Foi com um nervoso miudinho, mais brando, é certo, mas semelhante ao de há 25 anos, que me encaminhei para Braga, para participar no encontro dos ASES que comemoravam 25 e 50 anos de entrada no seminário do Fraião. A tremedeira assentava no facto de saber, com quase absoluta certeza, que apenas o Lázaro Oliveira me acompanharia na comemoração dos 25 anos. Pensávamos nós: “Irmos só os dois se calhar não fará muito sentido... afinal só lá estarão os mais velhos que celebram 50 anos!”

Como foi bom ter ido!!! (Obrigado, Francisco Pinto, pela persistência do convite!)

Como não éramos imensos, o primeiro momento foi de apresentação e pequena partilha. Apesar de muitos não nos conhecermos, a partilha foi profunda, sendo possível constatar que muitos dos valores que a passagem pelo seminário pro-

moveu foram fundamentais para a vida de cada um. Foram, também, visualizadas algumas fotos que puseram à prova a memória de cada um que, nalguns casos, foi notável pela sua frescura!

O momento seguinte foi de celebração eucarística com a comunidade do Seminário do Fraião, hoje, Iar Anima Una. Foi o momento de encontro com alguns dos que marcaram a nossa vida espirítana - Pe. Guedes (prof. História), Irmão António (prof. de Trabalhos Manuais), Pe. Cepeda (Viana do Castelo), entre outros.

No almoço e na tarde de confraternização foi possível ver as atuais instalações do antigo seminário e lembrar bons velhos tempos. O campo de jogos, que tantas vezes nos lamentávamos ter que capinar, fora construído, 25 anos antes da nossa entrada no seminário, com muita dedicação e toneladas de terra removida, pelos homens que estavam ao nosso lado! E foi possível dizer-lhes “Obrigado!”, o seu trabalho tornou os nossos dias mais felizes!

Foi um bom reencontro que deixou um desafio: até ao fim do ano de 2015 temos que fazer novo encontro de celebração destes 25 anos, desta vez com muitos mais participantes!

**Paulo Ramalhoto**

## FRAIÃO – 50 anos volvidos!...

Neste belíssimo dia de outono, acordei com uma fantástica boa disposição e com uma enorme vontade de rever rostos de meninos, campos de futebol, salas de aula, capelas, dormitórios, enfim, tudo aquilo que há cinquenta anos, eram os sonhos de jovens meninos, que se projectavam para um futuro ainda distante, mas que vivíamos intensamente como se tivéssemos a certeza de que todos eles se iriam realizar.

Após noventa minutos de viagem dei por mim perdido na cosmopolita cidade dos arcebispos, bem diferente e bem maior do que aquela pequena cidade onde há meio século havia estado pela primeira vez.

Rápido, subi a encosta em direcção ao seminário de Fraião que identifiquei de imediato, pelo muro que o separa da estrada, e pela entrada, apesar de um pouco modificada.

Esperavam-me na sala de entrada alguns colegas revendo várias fotografias dos tempos de Godim, de Viana, de Fraião e d’Aguilha.

Logo nos fomos apresentando, recordando a primeira viagem de comboio para o seminário, o farnel para comer durante a viagem, bem como a mala - que não era mais do que um saco onde levávamos todo o enxoval, sapatos e roupa toda numerada.

Foi muito interessante ouvir relatos de vários colegas e constatar que muitas passagens da vida de uns também foram vividas e sentidas por outros.

O ponto alto do encontro das nossas - bodas de ouro - foi a participação na missa, na capelinha da comunidade, presidida pelo Reverendo Padre Superior, P. Cunha Fonte, e concelebra-

da pelo nosso colega, seminarista do nosso tempo, de 1962, hoje padre Francisco Cardoso e também pelo senhor P. Guedes. Aí sentimos verdadeiramente a presença do Espírito Santo, símbolo da nossa congregação e que ainda hoje continua, em forma de pomba, por cima da imagem de Nossa Senhora de África, no altar da igreja principal.

A cada dia e a cada momento somos tocados pela presença constante e contínua de Deus. No final da missa, assisti a uma demonstração pura de carinho, de amor, de esperança, de amabilidade e de compaixão: um dos irmãos que também participou na Eucaristia, não podendo andar, e amparado por duas canadianas, dirigiu-se a outro irmão, este de cadeira de rodas, e, como que por milagre, coloca as canadianas de lado e empurra o outro na cadeira de rodas, ambos já idosos de corpo, mas muito lúcidos de espírito e de coração. Não restam dúvidas que Deus manifesta-se constantemente e em qualquer parte. Não sei sinceramente o que me espera amanhã; mas já entreguei a minha vida nas Suas mãos e por certo que Ele já preparou o melhor para mim... a gratidão genuína e a compaixão são as formas mais poderosas de atrair mais bondade e sentido à tua vida.

Quanto mais não fosse, só por esta lição de vida já tinha valido a pena ter ido ao encontro...

Após o almoço e confraternização, visitámos o seminário, hoje todo moderno e modificado em parte para lar da terceira idade, a que eu chamo de idade do ouro, porque nesta idade temos o privilégio de disfrutar da vida de uma maneira totalmente diferente e com total disponibilidade.



Rodrigues Ferreira (Direção), José Alberto Moreira Rego + esposa, João Valbom, Pe. Cepeda, Manuel Couto Pereira + esposa, Timóteo Moreira (Presidente Mesa da Assembleia) António Lopes Paiva + esposa, Paulo Ramalhoto, Mário Oliveira Cabral, Francisco Pinto (Direção), Lázaro Oliveira, Óscar Sousa Maia + esposa.

Depois de várias fotos que passaram de mão em mão, de partilha de endereços, de telefones, de mails, despedimo-nos com fortes abraços e com a promessa de voltarmos no próximo ano levando connosco outros colegas para assim poderem

também eles ter a oportunidade de reacender a sua chama, a sua centelha divina, a luz do Espírito Santo.

Até para o ano e um grande abraço do coração.

**João Rodrigues Valbom**

## VIANA - 50 ANOS DEPOIS, ESPIRITANOS SEMPRE!



A máquina devoradora do tempo não apagou a memória de todos aqueles, alguns já com muita neve no cabelo, que se reuniram, em Viana do Castelo, no seminário das Ursulinas, no dia 18 de Outubro, para recordar a sua entrada no seminário no ano de 1964. Recorde-se que esses jovens concluíram o seu segundo ano do então ciclo preparatório no Liceu de Viana do Castelo, no ano em que Portugal ficou em terceiro lugar no Mundial de Inglaterra.

Quantas memórias, quantas recordações de um tempo de meninos em que a vida era determinada por outros, pelos pais, pelos superiores, todos querendo o melhor, todos querendo dar uma educação adequada, todos querendo que seguissem as pisadas do nosso grande mestre, o padre Francisco Libermann.

Não podemos esconder que havia certa ansiedade, pelo menos eu tinha-a, por reencontrar, passado meio século, aqueles que, durante mais de setecentos dias, foram nossos companheiros de jornada, durante a nossa estada em Viana do Castelo.

O Dr. José Carlos Brito, médico pediatra ilustre barcelense (ou não fosse o médico da minha neta Maria), levou-me de boleia. Chegados em frente à igreja, lá estava um pequeno grupo, sobressaindo o Ferreira de Sousa, meu companheiro de dormitório, tal e qual, com o mesmo modo e estilo, conversador e convincente e o Aguinaldo, com aquela calma e ar bondoso de sempre. Depois, lá vislumbrei o irrequieto Júlio Vieira, com cujo irmão já tinha estado um dia na Câmara de Barcelos. Também lá estavam o Guilherme Castilho, o Faria da Torre, o José Valentim Eusébio, entre outros.

Recebidos pelo padre ecónomo Domingos Neiva e pelos "cardeais" dos "ASES" Francisco Cunha Pinto, António Rodrigues Ferreira e o Ferraz, fizemos a apresentação da praxe numa sala do primeiro andar. Um a um, lá se deram a conhecer, criando um ambiente de camaradagem e permitindo que cada um fosse reconhecendo e avaliando a existência e o trajecto de vida dos outros. Mais tarde, chegaram os Drs. Vieira Leite, distinto médico e Rocha Martins, ilustre advogado bracarense e o José Magalhães, estes dois últimos também meus companheiros de dormitório. O Dr. José Eusébio, destacado médico, natural da Aguçadoura, Póvoa de Varzim, tendo prestado já serviço em Viana do Castelo e actualmente em Vila do Conde, lá me ia pondo, a espaços, ao corrente de algumas situações.

Momento alto, foi também a entrada na igreja para participarmos na missa celebrada pelo padre Tiago Barbosa, superior do seminário, teve aquele condão de recordar as missas diárias em que participávamos e os cânticos que entoávamos, sublimemente acompanhados ao órgão pelo Cunha Pinto.

Descemos para a sala, onde se ia servir o almoço, e lá encontramos o "jovem" padre Moreira Dias, ao tempo nosso ecónomo, que tinha regressado das missões e nos mostrava

aqueles maravilhosos slides e filmes da missionação. Também apareceu o padre Castro, nosso prefeito e que alinhava nas nossas brincadeiras e jogos de futebol. Sucedeu ao António, natural de Vila Cova, e que foi convidado pelo meu pai e participou no almoço dos meus onze anos.

Com um almoço muito bem servido e regado com um néctar precioso, lá recordámos o nosso tempo de jovens seminaristas. Recordámos as leituras que nos acompanhavam às refeições, os jogos e brincadeiras que fazíamos naquele imenso terreiro, hoje plantado com muitas árvores (mantém-se ainda aquele enorme coberto, onde nos períodos de chuva nos refugiávamos), os passeios pelo monte de Santa Luzia ou as idas até ao mar, ao Forte da Barra.

Foi tempo de recordar alguns acontecimentos, como o naufrágio do rebocador à entrada da barra e que alguns de nós assistimos, pois as janelas dos nossos dormitórios não tinham cortinas.

Recordámos também alguns colegas como os açorianos, Gaudêncio e Tavares, este o único sacerdote do nosso tempo de Viana, os mais velhos do primeiro dormitório, a eloquência das homilias do padre Guedes, a severidade do padre Augusto que, com a sua vara, fazia saltar qualquer um, a rigidez do padre Martins, ao tempo superior, a alegria do padre Pinheiro, depois superior, a bonomia do padre africano Alfredo, que nos dava rebufados, e a bondade do velhinho padre Jerónimo, com a suas vestes brancas e as suas longas barbas, o confessor mais desejado por todos. E os padres Pinto, professor de Latim, e Pintinho, este último capelão das carmelitas e que comia sempre de dieta.

Esquecia-me de dizer que, no início do almoço, chegou o ilustre advogado e professor e nosso companheiro, José Pereira Leite Oliveira, com a mesma expressão, com o mesmo riso de sempre. Apesar de mais velho, como todos nós, até em Istambul o reconheceríamos.

Este encontro, que reuniu trinta e nove pessoas (ano em que compareceram mais antigos alunos e seus familiares), foi uma boa jornada de convívio de "homens bons", quase todos bem sucedidos na vida, médicos, advogados, professores, bancários, comerciantes, etc., (e eu, bibliotecário municipal) que nunca esconderam a sua condição de seminaristas espiritanos e souberam, a cada momento, dar sinais da formação que receberam.

Foi um dia feliz e bem passado. Foi um reencontro, um preenchimento de algo que não estava satisfeito. Valeu a pena. Um desejo, daqui a dois anos quando comemorarmos os 50 anos de entrada no Fraião (Bodas de Ouro) e setenta e cinco anos (Bodas de Diamante), lá estaremos. Por mim, já estou inscrito. Venham os outros.

Espiritanos, Sempre!

**Victor Pinho**

## - Godim: 1964-2014

### O ENCONTRO DE POUÇOS SOBRE OS MUITOS QUE ÉRAMOS



É verdade, o título pode parecer ligeiro, mas reflecte o que sentimos e conseguimos fazer, depois de nos termos convocado a todos para celebrar os 50 anos de entrada no seminário de Godim, em Peso da Régua, nesse ano de 1964, que foi ano de cheia do rio acima de 13 metros, assim a vivemos quase como dilúvio bíblico. Comparemos nove, mais os três elementos da UNIASES: José Ferraz, Francisco Pinto e António Rodrigues Ferreira, um para as contas, outro para a bandeira e outro para o social, que bem cumpriram e se dão à causa de manter viva a «anima una» com o mesmo espírito de missão que nos educou a todos.

Diremos, como desculpa, que este encontro já era um segundo porque nos tínhamos reunido no Fraião no pretérito dia 3 de Agosto para estarmos com o padre José Costa, nosso condiscípulo e agora missionário no Paraguai, mas que não podia estar presente agora em Outubro. Serve de pouco, ajuda alguma coisa, mas não evita o lamento de termos sido só nove. Por falar no padre José Costa eu deveria ter lido aos presentes a seguinte mensagem que ele me enviara na véspera por e-mail, mas que não li por não ter levado o computador comigo, uma vez que andei fora de portas desde sexta-feira de manhã:

«Caros colegas, gostaria de estar hoje convosco e poder abraçar cada um recordando e celebrando os tem-

pos passados juntos nessa casa de Godim. Gostaria de lembrar os passeios à Cederma e à Romeira, à Régua e ao Salgueiral; gostaria de cantar o Zini-pini-pini e falar dos professores que nos ajudaram a aprender, com os métodos do seu tempo, as coisas importantes da vida; gostaria de estar convosco olhando o rio Douro e as vinhas em socolcos, onde se fixavam nossos olhos de adolescentes irrequiets; gostava de estar convosco e saborear a amizade que foi permanecendo durante 50 anos nos homens maduros que somos; gostava de estar convosco e poder celebrar a missa, que para alguns seria a minha “primeira missa”, e poder dizer que nos destinos diferentes que seguimos encontramos a felicidade que sonhávamos em pequenos. Mas estou no Paraguai e a distância é demasiado grande. Fico feliz por saber que se reencontram com o coração a palpitar de alegria e a memória cheia de boas recordações. Sou o Costa, o mais pequeno do grupo, que na ginástica ia à frente, porque nos alinhavam por alturas, que na cama tinha o número 78 e na roupa do enxoval o 524. Um abraço de amizade e de carinho a todos os presentes.» - Zé Costa

A gente faz estes encontros e vivencia-os com quatro dimensões que me parecem pertinentes: a) recordamos o nosso tempo de educação no seminário como tempo feliz, com casos, causas e até um anedotário que

nos dá prazer recordar, repetir, salientar, sistematizar; b) apercebemos os métodos em que fomos educados como saudáveis, vicariantes, decisivos e ainda actuais e vantajosos; c) recordamos os nossos mestres como homens de causa, pessoas dedicadíssimas, caracteres inolvidáveis; d) mantemos viva a questão da fé ou da vivência religiosa, discutimo-la, reafirmamo-la ou questionamo-la, mas não a contornamos.

Agora, um bocadinho de prosa mais pessoal:

A minha ida para o encontro de Godim foi de véspera: sexta-feira de manhã acompanhei minha esposa ao Hospital de Santo António, para consulta regular; depois, pelo meio-dia, saímos em direcção a Entre-os-Rios, primeira paragem do passeio até à Régua, ali na margem, onde o rio tem cais a querê-lo ver sossegadamente. Todas as curvas até à Régua foram lentas e sentidas, com intervalo, por ali, num restaurante de estrada, para comer ainda a tempo uma diária hospitaleiramente servida. Num papel de parede estava o pedido de braços para as vindimas do Douro. Hospedámo-nos no Hotel da Régua, em quarto virado ao rio, cheio de apelos e compensador. A Régua é um passeio, por um lado ou por outro, pela rua de cima ou pela de beira-rio, depois pela ponte pedonal, aquele monturo de ferros pretos que o comboio inutilizou durante mais de

quarenta anos e que de 64 a 66 andou amiúde na nossa curiosidade: estaria a ponte mal construída, seria o comboio demasiado pesado, teria sido o medo das cheias?... pois aquele monturo de ferros em arcaria negra é agora uma ponte de largueza, aconchegado chão de passeio... infelizmente naquela altura sem quaisquer lâmpadas que lhe dessem a vistosidade nocturna que lhe previram, roubaram-nas todas, disseram-nos a meio da ponte por irmos a estranhar tanta escuridão. De manhã, subimos a Godim, passámos pelo Bairro da Segurança Social e após aquele cibo de calçada que ladeia a igreja paroquial entrámos festivamente no mesmíssimo portão de há cinquenta anos.

Fomos chegando, sem grande intervalo de esperas uns pelos outros. Recebeu-nos a UNIASES e o Pe. Correia de Andrade, que agora é pároco numa freguesia de Mesão Frio. Compareceu ao encontro o Pe. Afonso Cunha Duarte. Quem nos puser em foto terá de nomear: o José Machado e a sua esposa, o Inácio Estevinho e a esposa, o António Carneiro e a esposa, um padre espiritano que esteve em Angola cercado pelas tropas durante 9 meses; o Manuel Ribeiro (que veio só e com uma febrícula de ocasião), o Manuel Casalta e a esposa, o Camilo Guedes e a esposa, o padre Andrade, director da Casa de Godim, os três da UNIASES: o José Ferraz, o Francisco Pinto e o Armindo Rodrigues; o Nelson, o Benjamim, o Pereira, o Pe. Afonso Cunha Duarte (nosso professor de Desenho e Ciências e Música há 50 anos) e sua irmã.

Nestes encontros a gente começa por contar episódios irreverentes, marcas da nossa infantilidade, provas indiciais de nosso carácter, partidas e atrevimentos, falhas e reparos, enfim, memórias de nosso crescimento e de nosso modo de enfrentar as situações; depois referimos a persistência da instituição, as suas regras e estilos; depois referimos as actualizações programáticas, as reacções às mudanças, as perspectivas de um futuro que acabámos por não seguir ou seguir de outros modos. Entretanto, vemo-nos, apreciamos as transformações sofridas e calculamos o preço pago pelos desgastes. Sabemos uns dos outros, de filhos e cadilhos, de descendências e ascendências, recordamos os que já se foram e damos graças a Deus. O discurso íntimo continuará com cada um, mas os ecos deixados no encontro

também farão algum caminho: estar ligado é isto mesmo, andar com o outro na cabeça e contar que todos nos partilhámos de algum modo.

Reunimos numa sala e ali nos apresentámos e contámos umas impressões e saudades, falámos em cadadupa de recordações. Depois fomos à missa, celebrada pelo Pe. Afonso Duarte, que fez uma prédica reflexiva muito adequada às nossas vivências e expectativas. Fomos ao almoço, que foi muito bem servido e brindámos com o vinho generoso ou fino ou tratado que se produz com as uvas da Congregação, pode-se dizer assim que as vinhas têm dono. Depois de almoço fomos de passeio, a pé, até à quinta de D. José de Lencastre, um benfeitor da Congregação, homem de muita história, fundador do escutismo em Portugal, senhor de posses: há 50 anos fomos à quinta visitá-lo, ele recebia-nos, oferecia-nos um copinho de vinho fino, mostrava-nos a quinta e ensinava-nos uma cantiga. Este passeio foi lembrança do Camilo Guedes e deu para vermos a casa, recordarmos a cantiga do Zinipinipini e o cântico sobre o coração virginal de Maria, além de termos provado as nozes e os diospiros e o vinho fino ou generoso ou tratado.

Depois voltámos ao seminário de Godim e fomos à adega provar e comprar o tal vinho fino ou tratado ou generoso. Aquecidos por uns copinhos de generoso, ouvimos então o Nelson Correia que nos presenteou, ao som da sua viola e realejo, com algumas canções do seu repertório. SAÍDOS DA BRUMA – (Ver Cantinho da Poesia) - eis um fantástico apontamento musical do Nelson Correia, a demonstrar plenamente quanto nos

desconhecemos depois destes anos todos. A poesia musicada revelava um poder de síntese muito significativo, afectuoso, nostálgico, abrangente. Ele colocou depois a melodia no Facebook e o Pe. José Costa disse, do Paraguai: «Simplesmente magnífico! Quem podia imaginar que o nosso ano tinha génios deste calibre!»

Depois do encontro, o Nelson Correia colocou on-line outro seu apontamento musical que eu comentei assim: «Gostei, está no teu estilo, neste modo impressionante de entoar um poema em ritmo folk sobre a viagem dos sonhos e dos passos; gostei da citação de Bob Dylan, uma canção que antecedeu a nossa entrada no seminário, mas que recuperámos mais tarde para um imaginário de intervenção; com mais imagens e com mais imagens de gente ficaria melhor, porque não são só os espaços que devem ser evocados, mas as pessoas com quem neles nos cruzámos e nós fomos educados para estar entre os povos... parabéns.»

As despedidas fizeram-se com abraços contidos de emoção, desejosos de outros encontros. Abalámos dali para nossas casas nos carros que nos levaram, em boa situação de prestar contas a quem pedisse por documentos. Eu ainda me fiquei para trás por causa do carro do Pe. Afonso Duarte que se lembrou de não pegar, até que o pronto-socorro aparecesse de bateria na mão e disponibilidade de conversa.

O Pe. José Costa lá de longe disse bem sobre este encontro «*Temos um bocado de cada um dentro de nós. É isso mesmo. E por isso nos alegramos tanto quando nos encontramos.*»



## MAGUSTO EM OLEIROS



Programado para o dia 15 de Novembro de 2014, assim se realizou. A semana muito chuvosa não previa a afluência habitual, o que aconteceu.

Menos alguns. Já era de esperar. Apesar disso foi um convívio animado, como de costume. Desta vez não se fez a romagem ao cemitério, também devido à chuva.

De realçar a presença de membros da Direção, da mesa da Assembleia e do Núcleo da Feira, sem esquecer os outros presentes.

Iniciada a contenda que nos reuniu em torno da mesa do habitual salão, apareceu o Às Vitor Sousa, que

fez questão de dizer e ficar narrado que, para além de si, representava o seu falecido Pai (Manuel Francisco de Sousa), grande AS e LIAMISTA, um ESPIRITANO de quatro costados...

Antes de se proceder à partilha do bolo "ASES SEMPRE", o Serafim Oliveira foi indicado como referência do Núcleo e convidado a discursar. Limitou-se a fazer um relato da sua passagem pelo seminário e de algo mais, da sua vida posterior.

Como já são curtas estas tardes de Outono, rapidamente entra-se noite adentro. Hora de partida e cum-

primentos de despedida. Nos rostos resplandecia uma visível felicidade e começaram os abraços e beijinhos de até outro convívio.

Os nossos sinceros agradecimentos aos ASES Seixas e Marcolino, sempre prontos a nos proporcionarem este convívio. Igualmente às Senhoras da cozinha, como também aos presentes ASES e familiares, na expectativa de novos encontros.

Estamos no ADVENTO – UM SANTO NATAL e FELIZ ANO NOVO.

Pelo Núcleo da Feira,  
**Serafim Gomes de Oliveira.**

## ECOS do BOLETIM N.º 175

Meus Caros Melo e Francisco Pinto,

Li, com atenção, o UNIASES. Há pessoas e assuntos que desconheço, não podendo comungar do espírito que irmana essas pessoas e esses assuntos. Também não conheço, pessoalmente, José Veiga Torres, mas, pelo que se dá a conhecer em "A QUESTÃO", mostra-se um homem de perfil intelectualmente apurado, humanamente respeitoso, tolerante e livre.

A elevação com que tratou "A QUESTÃO" merece o meu íntimo aplauso. Não agride ninguém, não desvaloriza ninguém, dizendo o que pensa e até o que sente com boa-fé, bem documentado, tornando o seu artigo uma referência séria, ao menos para mim. O meu obrigado a José Ve-

ga Torres e a quem lhe abriu as portas do UNIASES. Que não se sinta cansado de nos contemplar com artigos deste jaez. Não se embomou a si mesmo nem ao assunto tão seriamente tratado. Muita gente se sentirá saturada com as habituais e rituais prédicas e liturgias rotineiras que nos vão seguindo ao longo dos tempos. Parece, muitas vezes, que perderam o sentido e a importância - vêm imbuídas de verdades dogmáticas, vestidas com pompa mas falhas de tolerância e desprezo real pelos simples.

O "Reino" é feito pelos simples. Longa vida e boa saúde. Um sentido abraço ao José Veiga Torres e à equipa redactorial.

Arnaldo da Fonte

## COLABORAÇÃO COM O CEPAC – NIF 503 007 676

### UMA AJUDA QUE NÃO CUSTA NADA E SEM CUSTOS PARA O CONTRIBUINTE.

Sabia que pode contribuir para a acção e obra do Centro Padre Alves Correia (CEPAC) com o seu IRS sem pagar mais por isso? O Estado permite que 0,5% do(s) seu(s) imposto(s) liquidado(s) reverta(m) directamente a favor de uma Instituição de Utilidade Pública que prossiga fins de beneficência e sem fins lucrativos, como é o caso do CEPAC, consignando 0,5% do seu IRS.

Para tal, basta que no Anexo H - Quadro 9 (Consignação de 0,5% do Imposto Liquidado) Campo 901 - assinale com um X a sua intenção, bastando preencher:

#### 9 Consignação de 0,5% do Imposto Liquidado (Lei n.º 16 / 2001 de 22 de Junho)

Entidades Beneficiárias do IRS Consignado	NIPC
Instituições Religiosas [art. 32.º n.º 4]	<input type="radio"/>
Instituições Particulares de Solidariedade Social ou Pessoas Colectivas de Utilidade Pública [art. 32.º n.º 6]	<input checked="" type="radio"/>
	901 503007676

## CURSO DE 1950/51 EM GODIM – S.O.S. !!!

Incansável, o Serafim Gomes de Oliveira, das Terras de Santa Maria da Feira (Caldas de S. Jorge), qual guerreiro/herói em busca de algum dos 81 companheiros que com ele entraram em Godim no distante ano de 1950/51, envia-nos um lancinante apelo demandando a presença ou sinais de vida de algum desses contemporâneos e discípulos.

Ficou desapontado por ninguém ter aparecido no encontro da Torre d'Aguilha, no passado mês de abril. Terá sido em vão a sua presença? Queremos crer que não; pois en-

quanto houver vida há sempre uma hipótese...

Uma ténue e trémula esperança arrastou consigo até ao Fraião, por ocasião da realização da Assembleia Magna, realizada em junho p.p., mas depressa esfumada. Ninguém, mas mesmo ninguém, voltou a encontrar.

Não aparecem nem telefonam. Parece grassar um total desinteresse (o que é pena), pese a atenuante da idade, exceção feita ao Lima Barreto para "salvar a honra do convento".

Desânimo? Nem pensar... a luta continua. A propósito, nada como

a ilustração da parábola do amigo importuno (Lc 11, 5-10) ... "procurai e achareis, batei e abri-vos-a". Mais do que uma fessada; a nossa fé não será abalada nem se perderá em saco roto porque firmes no nosso posto e convicções.

Assim, a pedido do Serafim, lançamos uma vez mais o apelo aos cursantes do ano de 1950/51, em Godim, que se encontram ainda vivos e que nos leem para o contactarem, por favor, através de comunicação para 965 609 233 ou 256 312 127 / 256 911 315.

**A Redação**

## EXORTAÇÃO

Extracto de missiva de um Amigo ao(s) seu(s) Amigo(s)  
Amigo,  
(...)

Quando escurecerem em teu coração todas as palavras que quiseste dizer mas não disseste, quando o silêncio ocupar o lugar de todas as que quiseste ouvir mas não ouviste, não tenhas medo – parte ao encontro de ti, e estende a mão, alguém a acariciará, alguém que sempre te quis bem, alguém que tem gravado no peito as palavras com que se escreve o teu nome, alguém que é teu Amigo. Depois, com olhos fechados ou abertos, mantém a alma aberta - só aí receberás as recompensas com que sonhaste. Terás a prova mais fiável e talvez a única que te salvará do Medo - encontrarás aí as memórias dos

que foram mesmo teus Amigos. Até lá, não faças perguntas, conquista-te, para continuares a ser merecedor de ti e dos teus Amigos, mesmo que sejas tentado a desistir, mesmo que a dúvida te estrangule o pensamento. A Vida exprime-se no acto de acontecer. Não negues nem renegues ninguém, quando estiveres triste; de ninguém te esqueças, quando estiveres eufórico: um copo de vinho, se não for bebido, transformar-se-á em vinagre; com o tempo, azedará. Com a água que se não bebe, não se mata a sede. Carpe diem. Com um Amigo, a contagem do Tempo é diferente. Se ainda não experimentaste, recomeça, até ao momento do reencontro - encontrarás o sorriso que te trará de volta. E ver-te-ás feliz. Sorri. (...)

**Afonso – Godim 1961**

## À ATENÇÃO DO CURSO DE 1976/77, EM VIANA DO CASTELO

O Livro de Matrículas de Viana do Castelo referente ao ano de 1976/77 está em branco, tão pouco consta o Livro de Notas desse 1º ano nos Arquivos da Província. Com recurso a outros subterfúgios, consultámos o Livro de Notas referente ao 2º ano dos que entraram em 1976/77, então em 1977/78, e ao Livro de Matrículas do Fraião 1978/79, para elaborar uma lista reduzida, que não contém o nome dos que abandonaram no decurso do ano letivo de 1976/77 (1.º ano). Mas há mais!

Por isso pedimos aos que à data de 1976/77 iniciaram o seu 1.º ano, no seminário de Viana do Castelo, nos façam chegar informação/paradeiro dos seus companheiros, abaixo não mencionados.

Dos matriculados no 1.º ano de 1976/77, em Viana, apenas registamos:

Adélio Gomes Araújo de Faria  
Adélio Gomes de Freitas Moreira  
António Alex Ferreira Laranjeira  
Daniel Junqueira Ferreira Ordes  
Fernando Baptista Pires Martins Silva  
Fernando Manuel da Silva Linhares Reinaldo  
Joaquim Fernandes Gonçalves  
???????????

Júlio Alexandre Cubelo Faria Torres  
Luís José Gomes Vieira  
Luís Pedro Amorim Saleiro Capitão  
Paulo de Sousa Braga  
Paulo Jorge Mendes Rocha Ferreira  
Nuno Valente de Andrade  
Rui António Oliveira Pacheco  
???????????

Nos próximos Boletins daremos conta das lacunas verificadas nas matrículas dos Cursos de 1977/78, 1978/79, 1979/80, também de Viana do Castelo.

O nosso agradecimento pelos esforços a desenvolver em prol de uma causa comum.

**A Direção**

# CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

...Respostas Breves  
Alberto Melo

## As redes sociais...

Uma vez mais e sempre, são a forma eficaz no encontro de pessoas que habitam o éter informático e que se julgavam perdidas na vastidão do tempo e na 'eternidade' do espaço. Saudamos o meritório esforço que antigos alunos dos anos 70 empreenderam, com sucesso refira-se, na busca de condiscípulos contribuindo para uma maior dinâmica e entusiasmo. O grupo UNIASES foi abalado, qual terramoto, tendo suscitado muitas interrogações, a maioria das quais, levadas a bom termo. Embora importante para atualização de ficheiros, que não se fique apenas pela comunicação de morada e contactos. Esse será o primeiro passo, de entre muitos, para alargamento das fronteiras que, a mais das vezes, se confina à época do ano, ou próxima, em que foram registadas as respetivas matrículas. A UNIASES tem o espaço do universo...

## Alteração de morada:

Comunicaram alteração de morada: Sílvio Pureza Machado (G48), em Baldos/Moimenta da Beira; Manuel Martins Barbosa (V56), em Campo/Barcelos; João Manuel Jesus Antunes (V58), em Queluz; Agostinho José Dias Magalhães. (G63), em Meinedo (Lousada); Manuel Assunção Casalta (G64), finalmente os arruamentos da Expo tomaram nomes mais simples e legíveis; Marco Alexandre Guedes (G92), em Frechas/Mirandela.

## O tal Envelope.

Que acompanhou o anterior Boletim nº 175, teve uma relativa recetividade junto dos antigos alunos do Espírito Santo e nossos leitores. Não contabilizei valores, essa é uma das tarefas do Tesoureiro que, em local apropriado, dará conta de todos os movimentos e seus dados que responderam diretamente com a devolução recheada do tal envelope ou quem indiretamente, mas pelo mesmo alertados, se serviram de outras vias para fazer chegar o seu donativo ao erário associativo. A todos os que nesta iniciativa colaboraram o nosso sincero agradecimento em igual medida, independentemente do valor registado, que apreciamos como gesto desinteressado nestes momentos de austeridade, e como reflexo, ainda que material, de votos de Boas Festas natalícias. No envio, esse espírito de Felicidade está subjacente.

## BOAS FESTAS

A todos os que nos enviaram votos de Boas Festas e Feliz Ano Novo, agradecemos o gesto e em maior medida retribuimos:

Sílvio Pureza Machado G47  
João Gomes dos Ramos G48  
José Lourenço Gonçalves G48  
Silvestre Reis Ramos F52  
Bernardino Paulos S55  
Luís Gomes de Sousa V56  
Joaquim Lourenço Fontes V62

## P. Custódio F. Campos G41

Chegou-nos às mãos uma pequena carta deste Missionário, com 87 anos de idade, dos quais mais de 60 dedicados às Missões, em Cabo Verde, que endereçou ao António Furtado (G46), onde nos conta as suas atribuições na formação e assistência às 65 crianças que tem por sua conta no Lar/Jardim de Stª Teresinha, na Cidade Velha.

**Aos Antigos Alunos (ASES) de boa vontade faz um apelo para um apoio para a subsistência daquela obra. Aqui fica o desafio lançado a todos os que nele queiram participar**

## P. Norberto C. Cristóvão G44

Agradece o Boletim UNIASES e atividades realizadas. Associa o nome de sua cunhada Alcina Marques Cristóvão, viúva de seu irmão, João Cardoso Cristóvão (S55)

## Quintino Soares Ferreira G44

Dando continuação ao testemunho do Serafim Oliveira Gomes (G50), acerca do P. António Ferreira da Silva, de Lourosa, diz-nos o Quintino que não pôde ficar indiferente a tal reparo, visto tratar-se de um seu primo a quem deve a sua entrada no seminário. Depois salienta a sua simpatia, popularidade e dinâmica a tal ponto que, após vinda à Metrópole, quando regressava a Angola levava consigo contentores com maquinaria e utensílios diversos para a sua obra querida, a Casa dos Rapazes de Nova Lisboa, a que se dedicou de alma e coração inteiramente.

## António da Costa Furtado G46

Para além da carta, acima referida, que nos fez chegar às mãos, conta-nos da sua relação íntima com o P. Campos e do apoio financeiro que, ano após ano, lhe fazia chegar. Nos momentos que correm, para ele e não só, se tornaram difíceis, sem contarmos com a agravante de uma traição entre sócios ou a sorte madrasta de uma vida de

negócio, que parecia correr de feição. Fazemos do seu apelo o nosso apelo também: **na medida das posses de cada um, uma ajuda para a alimentação das crianças que o P. Campos acolhe e alimenta. Esta a segunda parte do desafio acima lançado. Saibamos corresponder, o P. Campos é merecedor de toda a nossa atenção.**

**Aurélio Fernandes Martins G51**  
Direto ao assunto incita-nos a continuar no vosso trabalho que muito aprecio. Apraz-nos a observação final, a do apreço do que vamos fazendo; mais poderia ser feito se houvesse entusiasmo generalizado.

**Joaquim Correia Pedrosa G52**  
Escreve-nos a contar da sua curta mas significativa passagem por Godim e pelo Fraião... Foi um grande expoente no mundo do nosso futebol caseiro. Nunca o conheci pessoalmente, mas dizem que com seu irmão faziam uma dupla endiabrada e muito hábil. Que saudades!...

## Silvestre Reis Ramos F52

Conta-nos do seu estado de torpor mas não de adormecido, talvez de ensonado. Não fora o despertar do TAL envelope, muita coisa se diluiria no tempo, pois a memória não é a mesma dos meus vinte anos. Essa a funcionalidade do envelope, fazer despertar e acicatar os neurónios. Amigo Ramos, no fim de contas direi que estás bem acordado.

## P. Eduardo Guedes Osório G54

Conta-nos que, a primeira página e a última, lê assim que lhe chega às mãos o Boletim. Diz apreciar a escrita do Azevedo Moreira. A quem o dizes, fomos colegas ao longo da nossa vida passada no seminário e desde o segundo ano que me queixo do mesmo. As restantes páginas, nas horas de descanso. Seja a que horas forem é importante ler tudo. Num comentário à parte, e fora de questão, cheguei à conclusão de que nem todos leem o nosso Boletim por completo. Lá terão a sua razão, que agora não vamos aprofundar, e a redação a sua quota-parte do insucesso. Nada há que agradecer, fazemos gosto e questão em enviar o nosso UNIASES.

**Manuel Martins Barbosa V56**  
Agradeço o envio do Boletim que mui-

to admiro e aprecio e que me conduz aos remotos anos de 50. Bons tempos, belas recordações que serviram de suporte ao longo da vida.

Lamento imenso reconhecer que pertenço ao rol dos adormecidos, descurados... por tal, as minhas desculpas.

A vida de aposentado está difícil...

Votos de muita coragem para continuarem a exercer a missão honrosa que abraçaram.

**Do fim para o princípio: abraçar, não diria, antes para onde nos impeliram mas que aceitamos sem honrarias mas em espírito de serviço em prol dos antigos alunos. Esta a nossa missão: informar, unir e ser solidários.**

Chegámos a um ponto em que a vida está difícil para a grande maioria dos portugueses, Só reformas douradas vivem “à grande e à francesa”; os pobres continuam mais pobres; os remediados, mais para menos. Não pedimos que façam privações para custear, com a quota, as despesas que temos; tão pouco a receberíamos se conhecêssemos tal situação.

Qualquer associação vive para e dos seus associados; não exigimos o que possa fazer-te falta, deixamos isso a encargo pessoal e individual de acordo com a sua consciência.

#### **Américo Pereira Sousa G57**

Por mais que nos custe, não forçamos ninguém a não requerer a suspensão/anulação de toda a atividade associativa. A pedido, ignorando os motivos que conduziram a tal tomada de atitude, iremos agir em conformidade, sendo nesta data enviado o “último” Boletim UNIASES para dar pública conta do último movimento registado.

#### **Carlos Lourenço Almeida G61**

Remeto comprovativo da transferência para o que for preciso. Na maior parte dos pagamentos...sinto-me mais pobre; noutros, poucos, como este, tal sentimento não existe...

Nobre gesto, só comparável a atitudes bíblicas reproduzidas em alguns versículos. Fico-me por esta: aquele que semeia com largueza, com largueza colherá (2Cor, 9,6).

Amigo Carlos Almeida, cinco anos se passaram após aquele excelente encontro por ti e tua esposa organizado. Ficou gravado na memória dos que tiveram a dita de partilhar o esforço que dependeste e sentir o calor da amizade que conseguiste transmitir no corpo e na alma dos que nele participaram.

Cinco anos é tempo bastante, que ouse lançar-te o repto para repetição

da façanha num qualquer fim-de-semana do mês de setembro do ano de 2015.

Dirás da tua justiça...

#### **P. Eduardo Miranda Ferreira V61**

**Acerca do livro** Em Busca do Tempo Vivido, recentemente recebido, diz-nos ter dado de imediato uma olhada por alto e ter gostado. Referindo-se à obra em si: assim não se perde um património muito importante da história da Província Portuguesa. (...) Ainda bem que já se chegou à década de 70, com a qual me identifico na minha formação superior. Oxalá que o ânimo não esmoreça e haja outros complementos a essa década que foi a da viragem na história dos seminários espíritanos. (...). Fazemos votos para que algum dos intervenientes das décadas de 70 e 80 se lance na aventura de prolongar no tempo a história vivida na primeira pessoa, sem paixão mas criteriosamente. Fica, pois, o desafio lançado às gentes entusiastas desses anos (70 e 80),

#### **Joaquim Lourenço Fonte V62**

Todos conhecemos ou já ouvimos falar do “carismático” P. Fontes, pároco de Vilar de Perdizes e limitrofes. Pois bem, como antigos alunos do Espírito Santo e nossos associados constam dois irmãos: o Domingos, entrado no Fraião no ano de 1962 e o Joaquim de Viana de 1962 que nos enviou o cartão-de-visita das Casas da Mijareta, Turismo Rural.

Falamos com conhecimento de causa, pois frequentámos já as instalações do Hotel Rural de Mourilhe/Montalegre. Um excelente contacto para quem se queira aventurar, e há muito que ver, no mundo rural de Barroso, tendo a norte, na raia com Espanha, a Serra do Larouco, no triângulo do sistema montanhoso Peneda-Gerês. Para possíveis interessados numa escapadela turístico-cultural, aqui ficam os números de telemóvel: 936 428 015 – 938 211 846

#### **Manuel Francisco Ribeiro G62**

Diz ter devorado o livro Em Busca do Tempo Vivido. Leitura interessante e demonstrativa de uma vida abraçada de plena consciência e sem maldade ou segundas intenções, a maior parte das vezes.

#### **Agostinho J. D. Magalhães G63**

Comunica que ingressou, no ano de 1963, no seminário de Godim

#### **Domingos Macedo Barbosa V63**

Tudo bem! Se há alguém que deva agradecer somos nós, Direção e Te-

souraria incluídas. Os pequenos “bips” emitidos nem sempre caem em saco roto.

#### **José Manuel Matias Mendes G63**

É com alegria que recebo o Boletim dos Antigos Alunos do Espírito Santo. Lisonjeia-nos tal atitude, amigo Matias. Não procuramos louros ou vanglória, mas gostamos de nos saber úteis junto de companheiros que conosco frequentaram e percorreram os mesmos caminhos.

Diz ter muitas saudades dos Padres (P. Manuel Santos Neves e P. Sequeira Teles) que estavam à frente do Seminário de Godim no ano de 1963. Já ouvi opiniões diferentes devido aos métodos auxiliares de educação então aplicados, demasiado rigorosos que, apesar de dizeres, no teu caso, serem bem abençoados.

O P. Teles, de quem gostarias de saber novidades, já não faz parte dos vivos; com efeito, faleceu em maio de 2013 no Fraião, no Lar “Anima Una”, com 86 anos de idade, e que está sepultado no cemitério da sua terra natal, Godim. O P. Santos Neves, reside na comunidade do Porto, onde a Congregação tem uma casa na Rua do Pinheiro Manso, 62. Contacto através 226 199 723 ou 917 249 319...

Como vivo em Lisboa, vou fazer os possíveis para contactar com antigos alunos na Torre d’Aguilha, pois tenho andado muito afastado dos encontros. Deixa estar que não perderás pela demora. Do próximo encontro, a realizar em abril de 2015, irás receber convocatória e outros pormenores.

Como vês, damos conta nesta rubrica de Correspondência do que nos pediste.

Essa do dormitório dos bombeiros já eu nem me lembrava. Espero que não o tenhas habitado por muito tempo. Coisas de miúdos, que não se controlavam durante o sono. Havia de facto no fundo do dormitório grande, em frente à rouparia, um mais pequeno, que eu julgava ser destinado aos mais velhos. Novidade, essa dos bombeiros.

Saudações cordiais!

#### **António Manuel da Rocha G64**

Ao enviar a sua contribuição faz o seguinte reparo: para que o nosso Boletim continue a ser sempre e cada vez melhor.

Talvez que isso fosse conseguido se houvesse um mais alargado empenho por parte de cada um. Há muito antigo aluno com excelente jogo na mão mas que não dá o passo seguinte. Nada de titubeação, recomenda-se.

## NOTÍCIAS BREVES

### UASP – ASSEMBLEIA DE OUTONO

No dia 22 do passado mês de novembro, no Seminário Diocesano de Leiria, decorreu a Assembleia de Outono da UASP, que reconduziu os seus Órgãos Sociais com ligeiras alterações e aprovou as grandes opções para o novo mandato (2015 – 2017), bem como o programa e orçamento para 2015. A UNIASES esteve representada pelo Presidente da Direção.

Do Programa para 2015/16 merecem destaque as seguintes atividades:

- Um retiro espiritual previsto para o início da Quaresma, a realizar-se entre os dias 20 de Fevereiro (jantar de 6ª-feira) e 22 de Fevereiro (Domingo ao almoço), proposto pela UASP, será o mesmo organizado pela Associação dos Antigos Alunos Combonianos, no seu seminário de Viseu;

- Um Encontro Cultural a levar a cabo no mês de Junho de 2015, em Montalegre e zonas envolventes do Barroso, Larouco e Peneda-Gerês, que será orientado/organizado pela Associação dos Antigos Alunos do Seminário de Vila Real;

- Uma MOSTRA/Exposição, em Novembro de 2015, sobre as atividades culturais desenvolvidas pelos AA dos Seminários que versará sobre a componente literária e outras (momento oportuno para dar e dar-se a conhecer o que vem sendo feito neste ramo;

- Uma segunda edição do projeto/aventura “POR MARES DANTE NAVIGADOS” na senda do êxito alcançado na 1ª versão na viagem a Cabo Verde, prevista para meados de Janeiro de 2016. Pretende-se agora alargar os horizontes a outras terras e a outras gentes, tendo a escolha recaído sobre a Guiné-Bissau. Para além da vertente turística, estão previstas ações de caráter social a desenvolver nas Dioceses de Bissau e de Bafatá.

Para os interessados, na participação no Retiro, as condições encontram-se na ficha de inscrição, a qual deverá ser enviada para o e-mail: uaaasp@gmail.com Para

as demais atividades aconselha-se uma descida ao “site” [www.uasp.pt](http://www.uasp.pt) para averiguar do seu andamento.

### ALMOÇOS DE NATAL

Organizou, o Núcleo de Lisboa, dois almoços ditos de Natal atendendo à época em que foram levados a cabo, de modo a contentar as exigências gastronómicas dos interessados comensais; um primeiro, em 13 de Novembro, em Negrais, e como não podia deixar de ser, o leitão, ainda que já em fase de júnior, foi o anfitrião da contenda; o segundo, na semana seguinte, já mais etiquetado, teve como palco o Palácio do Conde Magalhães, datado do séc. XVIII, onde, atualmente funcionam os Serviços de Ação Social das Forças Armadas (IASFA), conhecido entre nós ainda pelo antigo nome de Cooperativa Militar, à Rua de S. José, em Lisboa. Como ponto cultural deve ser referida a intervenção do Casalta na declamação do poema de Natal de 2015, de autoria do João Machado, que tinha por título “O Menino e o Sapatinho”

Constituíram um excelente momento de encontro, alargado pela tarde fora, Para cima das três dezenas, foram contabilizadas as presenças. Na partilha do Bolo-rei foi servido um cálice do “fino” de Godim.

### DE CONHECIMENTO GERAL

Porque publicadas na imprensa diária e intensamente badaladas foram as notícias de pedido de “Habeas Corpus” para libertação do ex-primeiro ministro e a nomeação de novo diretor-geral do SIS apenas queremos aqui referir que em ambas as situações há algo a ver com os AA do Espírito Santo. O segundo pedido de “Habeas Corpus” que não chegou, por questões de forma, a ser apreciado pelo STJ é da autoria de Jorge Domingos Dias Andrade (Viana 1965); e o novo Diretor do Serviço de Informações de Segurança (SIS), Adélio Torres Neiva da Cruz, que desde janeiro de 2013 exercia o cargo de diretor-geral adjunto do SIS, também é AA (Viana 1969).

## NOTÍCIAS DA CONGREGAÇÃO

### NOMEAÇÕES

A Comunidade de Godim alargou o seu leque de ação pastoral. Dadas as boas relações entre a Congregação e a Diocese foram indicados e posteriormente nomeados por D. Amândio Tomás, Bispo de Vila Real, o P José Carlos Coutinho como pároco de Fontelas (Régua) e o P António Correia de Andrade como Pároco de Oliveira (Mesão Frio).

O Conselho Provincial fez as seguintes nomeações: P. Agostinho Tavares, para a Comunidade do Fraião; P. José Lopes de Sousa, para a Comunidade da Estrela-Lisboa (a partir de 1 de Janeiro de 2015), passando a partir de Fevereiro a exercer as funções de Ecónomo Provincial, passando o P. Carlos Salgado, que até essa data estava acometido dessas funções, a manter o cargo de Ecónomo da Comunidade da Torre da Aguilha, onde residirá em permanência.

### MAGUSTOS MISSIONÁRIOS

Com a habitual alegria e entrega da Família Espi-

ritana, sendo de destacar a forte presença liamista, os magustos missionários, a aquilatar da experiência vivida na Torre d’Aguilha, constituíram momento de solidariedade e partilha em prol de mais e melhor Missão, tendo sido dado a conhecer os vários projetos missionários da Congregação onde estão inseridos missionários espiritanos portugueses, nomeadamente, espalhados por toda a América do Sul, no testemunho relatado na primeira pessoa pelo P. Provincial na homilia.

Quanto ao resto; castanhas e água-pé, um pretexto menor para tanta animação para o que contribuíram os tradicionais leilões de produtos agrícolas e/ou peças manufaturadas propositadamente para a festa, com amor e carinho. Depois... havia as bancas/lojinhas missionárias, cujo produto obtido revertia na totalidade para tudo quanto estivesse relacionado com as missões.

Um domingo bem vivido apesar da ameaça matinal de tempo pouco propício para uma graça. Foi bonita a Festa da Família Espiritana no seu todo de partilha, solidariedade, testemunho e vivência missionária.

**JUBILEUS DE ORDENAÇÃO SACERDOTAL**

Comemoraram os seus 50 anos de Ordenação Presbiterial, o P. Ricardo Meira, em 28 de outubro, na Igreja de Godim; na mesma data, o P. Adélio da Cunha Fonte, na Igreja paroquial de Perelhal/Barcelos, de onde é na-

tural: o P. Manuel da Silva Martins, em 19 de dezembro, em Stº Elias, S. Paulo-Brasil, onde vive a sua vida de missionário e a 19 de dezembro, o P. Carlos Salgado Ribeiro, cuja celebração ocorreu no dia 23, em Navais-Póvoa de Varzim.

**CANTINHO DA POESIA****O MENINO E O SAPATINHO**

O Menino e o sapatinho  
Do Natal figuras são:  
Uma, sinal de caminho,  
Outra, fonte de ilusão.  
Leia mais um pouquinho  
A fim de tomar lição.

O Menino nasceu pobre  
Para exemplo universal.  
Quem o seu valor descobre  
E o pratica por sinal,  
Tenha pouco ou seja nobre,  
Nunca mais procede igual.

Reza a lenda que o sapato  
Recheou-se em recompensa  
De ajudar, sem aparato,  
A pobreza mais intensa.  
Desde aí se tornou facto  
Que o presépio não dispensa.

Quem põe sapato deseja  
Que lho encham, pois então!  
Não falta agora quem veja  
No sapato a ambição  
Da riqueza que sobeja  
E pode mudar de mão.

Se o Menino aconselha  
A gente a cuidar de ser,  
O sapatinho espelha  
Vontade de tudo ter.  
Com uma história tão velha  
Muito se pode aprender

Não se deixe o sapatinho  
Levar por mérito falso  
No mundo, qualquer caminho  
Se pode fazer descalço.

E quem assim perceber  
O berço da divindade  
Sapatinho deve querer  
Recheado de humildade

José Machado  
Braga 2014

**EM CRISE...**

Em crise nos dizemos e, a contrário  
Do rumo natural que era suposto  
Seguirmos como povo bem-disposto,  
Fazemos um percurso de calvário.

Não faltam os profetas de promessas,  
Já sobram juro claros e omissos!  
E cedem as funções e os serviços  
Às ânsias de atropelos e de pressas.

As culpas, as deitamos como certas  
A quem servindo mostra andar servido  
Por contas descuidadas e encobertas.

E assim se vai cavando a nossa cova!  
Natal, era quem manda desse a prova  
De estar pelo bem comum compro-  
metido.

José Machado  
Braga 2014

*(Soneto sobre a situação de crise que  
o nosso país atravessa, após os mais  
recentes casos de intervenção da  
Justiça...)*

**LISBOA...**

Lisboa, princesa do Tejo,  
E com tuas sete colinas,  
Há tanto que te não vejo,  
Que saudades; nem imaginas!

Quem te não conhece, Lisboa,  
Não sabe não, o que perdeu;  
Tu és bela, airosa e tão boa,  
Que outra como tu, não nasceu!

As tuas colinas de ouro e de prata;  
Os teus bairros prenhes de História;  
Esta nação, estar-te-á sempre grata,

Porque ela tem  
e terá sempre na memória,

Teus feitos imortais,  
de que a História trata;  
Tuas gentes,  
sempre de vitória em vitória!

Manuel Pousa  
Godim 57  
(04/14)

**SAÍDOS DA BRUMA**

Saídos da bruma  
de um tempo passado  
Envolto na sombra  
de um tempo acabado  
Chegados aqui  
de coração aberto  
Para um abraço apertado  
... para um abraço apertado...

Saídos da bruma  
de um tempo distante  
Fazendo caminho  
seguimos adiante  
Chegando até aqui  
de coração aberto  
Para um abraço apertado  
... para um abraço apertado...

Parados no tempo  
por breves momentos  
Procurando à volta  
lembranças antigas  
Que tragam memórias  
e palavras amigas  
Para guardarmos bem  
dentro do coração  
... para guardarmos cá dentro...  
... do coração...

Nelson Correia  
04-10-2014

*(Letra que esteve na origem de com-  
posição musical, com o mesmo título,  
com interpretação do autor e que con-  
stituiu um sucesso na celebração dos  
50 anos de 1964 em Godim)*

## CANTINHO DA POESIA (continuação)

### ROMANCE DE NATAL

Em tempos que já la vão  
quando a noite inda reinava  
(e a aurora se não via),  
d'uma linda Virgem Santa  
que p'ra Belém viajava  
de repente então nascia  
terno, meigo, pequenino,  
nos escuros de um covil,  
um "importuno" Menino.

Perturbou o S. José (!)  
e a "manada" que dormia:  
o touro, a "baca" e o jumento  
a cabra, o anho e a ovelha  
mai-lo o aturdido pastor,  
já que por ali mais "gente",  
fosse nova, fosse velha  
não havia de momento.

Com os gemidos da Virgem  
que ali se recolhera  
sem lugar na estalagem  
(e talento na algibeira)  
um menino "viam" nascer  
mesmo ali, à sua beira!

Ficaram estupefactos!  
Cada um com sua voz  
para seu próprio espanto  
se entenderam, falando,  
e entre si, olhares trocando,  
do covil, com seus olhos  
o escuro, iluminaram.  
Um milagre nunca visto,  
se operou de momento:  
Em estranho e belo hino  
suas vozes ajuntaram  
e logo todos ali cantaram  
cada um com seu talento  
àquele estranho Menino.

A Virgem-Mãe com desvelo,  
o seu Infante beijando  
ao peito o aconchegou  
também ela espantada,  
do milagre que se operou.  
E no xaile da viagem  
que para si mal chegava  
com amor e com carinho  
no pano que lhe restava  
- coisa qu'inda não sabia  
Ser Imenso amortalha!

E dizem que as estrelas  
em aquela noite fria  
tão escura e sem luar,  
ali acorreram todas  
cada uma em carreirinha  
ao Menino iluminar  
que nascia na lapinha.  
Deixaram um rasto no céu  
que a todos espantou  
ao romano e ao judeu.  
Perguntaram todos então  
que d' estranho sucedia?  
naquela noite tão escura

e no árido sertão  
onde vida não havia.

E no silêncio da Noite,  
só das bestas perturbado  
(que todo o mundo dormia  
pelo paço e moradia  
cansado do bom regalo  
da festa e da folia),  
daquele berço empalhado  
que na lapa se aprontou  
um vagido de Nova Vida  
por toda a Terra ecoou.

Um anjo de Luz vestido  
que logo ali acorreu,  
por toda a parte levou  
a Nova, bela mensagem  
tangida em seu clarim  
até í nunca ouvida  
pelos séculos sem fim.  
Um vagido frágil, ténue,  
de sentido tão profundo  
que logo fez stremecer  
de Roma o grão-poder.  
De toda a Jerusalém  
os Sacerdotes também  
e a Soberba do mundo.

- Criaturas, não temais!  
- Entre os homens haja Paz!  
- No Menino q aqui vedes,  
Humanos e outros mais,  
Nova Vida vós tereis,  
Vós, que todos sois iguais!

Ouviu-se longe um tal brado  
por colinas e montanhas  
e por vales retumbado

- Entre os homens haja Paz!  
- Entre os homens haja Paz!

Pelos sinais que nos céus viam  
e pelo brado que ouviam  
Vieram reis de todo o lado,  
depois de enganados,  
novo trilho encontrado.  
Qual deles mais diferente  
em seus usos e costumes  
cor, falas, filosofias.  
Postas de lado diferenças  
c'os pastores se ajolharam  
e ao menino ofertaram  
numa única oblação  
as prendas que ali trazião  
sem diferenças e perfídias  
pela sua própria mão.

Um, Belchior se chamava.  
Nos luxos de Babilónia  
e concerto dos Sábios  
Ciência não encontrava.  
Outro, Gaspar se dizia.  
Vinha do longe Oriente  
- Reinos da Filosofia  
com riquezas nunca vistas,  
infeliz e descontente.

Baltazar, finalmente,  
do fundo d' Africa vinha  
Alma de ouro e marfim.  
Ao Rei que nascido tinha  
de Maria o Benjamim,  
trouxe presentes também  
esmeraldas, ouro, prata,  
incenso, mirra e jasmim.

Outros danados, porém,  
Com o que todos diziam  
Ser nascido um Rei diferente  
- Um Rei Onnipotente -  
o menino de repente  
quiseram ter por refém.

Com Maria e S. José  
tudo se ajuntou então  
da cidade 'té o sertão  
saindo fora de Belém  
em qual Arca de Noé  
'scondendo o tenro menino,  
que já ninguém então sabia,  
por aquelas redondezas,  
onde o "Novo Rei" nascia!

S' indiferente ficou Roma  
que o Imperador regia,  
não ficou a Palestina.  
E o subalterno cioso,  
que por ele o Poder tinha,  
como rei impiedoso,  
como a déspota convinha,  
logo ali determinou  
p'ra guardar a sua pia  
dizimar toda Belém  
sem 'scapar nenhũa cria.

Inda aurora mal nascia  
em belos sonhos de vida  
traquinice e alegria,  
ensopou a terra o sangue!  
Ficou nos ares a agonia!  
Inda o choro se ouve agora  
p'las noites e pelo dia...

Os tempos não alimpam  
déspotas e sofrimento  
que aquele Menino quisera,  
par' uma outra Nova Era,  
assinalar c' o Nascimento.  
Outras crias as mães perdem  
nos caprichos do Poder

Outras crias as mães perdem  
Nos caprichos do Poder

no dizimar das guerras  
que os Herodes do Tempo  
p'ra seu exclusivo bem  
sempre geram e mantém.

Que o Natal de Belém  
Seja para sempre, Amén!

Aurélio Araújo Oliveira  
- Viana 1956

## TESOURARIA

### OUTUBRO / DEZEMBRO 2014

N.º Nome ContaMontante			
2386	Abel Maria Rodrigues	QUOTAS	50,00 €
28	Adelino Nogueira Oliveira	QUOTAS	30,00 €
29	Adelino Oliveira Campos	QUOTAS	50,00 €
2014	Adriano Santos Jesus	QUOTAS	15,00 €
49	Afonso Cunha Duarte Pe.	QUOTAS	25,00 €
2742	Agostinho José Dias Magalhães	QUOTAS	5,00 €
2726	Aguinaldo Lopes Silva	QUOTAS	30,00 €
112	Albino Pereira da Silva	QUOTAS	30,00 €
117	Alcides Alberto Besteiro	QUOTAS	25,00 €
1978	Alcino Manuel Pereira Couto	QUOTAS	150,00 €
152	Álvaro Marcolino Fer. Silva	QUOTAS	20,00 €
2156	Américo Pereira Sousa	QUOTAS	20,00 €
180	Américo Silva Ferreira	QUOTAS	20,00 €
203	António Afonso Silva	QUOTAS	20,00 €
1958	António Carlos Rocha Martins	QUOTAS	25,00 €
2861	António José Ferreira Moura	QUOTAS	40,00 €
333	António Leite Silva	QUOTAS	20,00 €
2674	António Lopes Paiva	QUOTAS	200,00 €
2834	António Manuel Rocha	QUOTAS	30,00 €
369	António Miranda Gregório D. Aurora	QUOTAS	20,00 €
2752	António Moreira Ferreira	QUOTAS	100,00 €
452	Armando Ferreira Vilhena Silva	QUOTAS	20,00 €
2583	Armando Gomes Lopes	QUOTAS	20,00 €
471	Armando Augusto Ferreira Bras	QUOTAS	10,00 €
507	Aurélio Fernandes Martins	QUOTAS	100,00 €
2838	Benjamim Santos Alves	QUOTAS	25,00 €
523	Benjamim Silva Andrade	QUOTAS	20,00 €
529	Bernardino Gonçalves Paulos	QUOTAS	40,00 €
535	Candido Alves Antunes Baptista	QUOTAS	5,00 €
567	Carlos José N. Delgado Pe.	QUOTAS	100,00 €
568	Carlos Lourenço Almeida	QUOTAS	100,00 €
2622	Diniz Agostinho Gaspar	QUOTAS	50,00 €
2793	Domingos Macedo Barbosa	QUOTAS	100,00 €
698	Ernesto Henriques Pereira Silva	QUOTAS	40,00 €
701	Ernesto Pereira Gomes	QUOTAS	30,00 €
2124	Félix Pires Meiréis	QUOTAS	100,00 €
733	Fernando Faria Torre	QUOTAS	40,00 €
765	Flávio Joaquim Bogalhão Casal	QUOTAS	50,00 €
2798	Guilherme Gonçalves Castilho	QUOTAS	30,00 €
2622	Heitor Bernardino Lourenço Codeço	QUOTAS	50,00 €
896	Jaime Paiva Frutuoso	QUOTAS	50,00 €
917	João Cardoso Cristóvão Vv.M.Alcina	QUOTAS	20,00 €
945	João Manuel Montalvão Martins	QUOTAS	40,00 €
2690	João Manuel Rodrigues Valbom	QUOTAS	30,00 €
2658	João Martins Silva	QUOTAS	50,00 €
957	João Nascimento Gomes Ramos	QUOTAS	20,00 €
967	João Santos Monteiro	QUOTAS	25,00 €
2646	João Urbano Moiteira Correia	QUOTAS	50,00 €
2327	Joaquim António Valente	QUOTAS	50,00 €
822	Francisco Sousa Martins	QUOTAS	20,00 €
633	Diamantino Esteves Pinto	QUOTAS	20,00 €
950	João Maria Silva Freitas	QUOTAS	25,00 €
987	Joaquim Augusto Nunes Falcão	QUOTAS	200,00 €
1000	Joaquim Correia Pedrosa	QUOTAS	20,00 €
2869	Joaquim Ferreira Sousa	QUOTAS	40,00 €
2005	Joaquim Gonçalves Pereira Silva	QUOTAS	20,00 €
1025	Joaquim Lopes Oliveira	QUOTAS	20,00 €
2128	Joaquim Lourenço Fontes	QUOTAS	50,00 €
1030	Joaquim Manuel Marques Osório	QUOTAS	50,00 €

N.º Nome ContaMontante			
1074	Jorge Domingos Dias Andrade	QUOTAS	10,00 €
1107	José Alberto Moreira Rego	QUOTAS	30,00 €
1114	José Alves Pinho	QUOTAS	50,00 €
1141	José Azevedo Barbosa	QUOTAS	50,00 €
2871	José Carlos A. Brito Cordeiro	QUOTAS	30,00 €
1235	José Lourenço Gonçalves	QUOTAS	30,00 €
1261	José Manuel Martins	QUOTAS	35,00 €
2875	José Maria Magalhães Silva	QUOTAS	40,00 €
1330	José Peixoto Lopes Pe.	QUOTAS	50,00 €
2548	José Soares Domingues	QUOTAS	50,00 €
2424	Luis Gomes Sousa	QUOTAS	25,00 €
1441	Luis Silva Carmona	QUOTAS	20,00 €
2877	Manuel Ant. M. Vieira Leite	QUOTAS	40,00 €
2848	Manuel Augusto Pereira	QUOTAS	5,00 €
2731	Manuel Domingues Pinto Brandão	QUOTAS	20,00 €
2271	Manuel Fernandes Reis	QUOTAS	20,00 €
1548	Manuel Francisco Ribeiro	QUOTAS	30,00 €
2850	Manuel Inácio Estevinho	QUOTAS	10,00 €
1569	Manuel Joaquim Couto Pereira	QUOTAS	100,00 €
1560	Manuel Joaquim Ferreira Santos	QUOTAS	30,00 €
2078	Manuel Martins Barbosa	QUOTAS	10,00 €
1659	Manuel Santos Moreira	QUOTAS	20,00 €
1691	Mário Alexandre Oliveira Sá Sil	QUOTAS	20,00 €
2706	Mário António Oliveira Cabral	QUOTAS	20,00 €
2852	Nelson Martins Correia	QUOTAS	30,00 €
1755	Norberto Conceição Cristóvão Pe.	QUOTAS	20,00 €
1768	Oliando Santos Gerales	QUOTAS	30,00 €
1776	Oscar Sousa Maia	QUOTAS	20,00 €
2185	Rafael Fonseca Meireles	QUOTAS	50,00 €
2502	Rui Martins Lopes	QUOTAS	30,00 €
1866	Serafim Couto Volta Silva	QUOTAS	20,00 €
2819	Sidónio Lima Martins	QUOTAS	30,00 €
1882	Silvestre Reis Ramos	QUOTAS	75,00 €
1885	Silvio Pureza Machado	QUOTAS	50,00 €
2388	Valdemar Fernandes Chaves	QUOTAS	25,00 €
			<b>3.780,00 €</b>

**Donativo ao CEPAC em 2014**

**607,00 €**

#### DISTRIBUIÇÃO DE "LEVADOS POR UM SONHO"

Distribuídos até 31-12-2014	348	6.960,00 €
Ofertas	46	0,00 €
Para distribuição	126	

**NOTA:** Este quadro é o espelho fiel dos movimentos registados neste trimestre e que incluem quotas arrecadadas por ocasião dos encontros dos 50 anos em Godim, Viana do Castelo e Fraiã.

Esperava-se que a campanha do Tal Envelope decorresse no nível dos anos anteriores. Por motivos que todos conhecemos (austeridade, subsídio de Natal diluído ao longo dos meses do ano...) a campanha não foi favorável e os envelopes não afluíram como esperado.

Agradecemos a todos os que colaboraram. Aos que se esqueceram, e se o envelope ainda anda aí por casa, há que aproveitá-lo já... Ou então ir à página 16 e ver lá ao fundo o NIB: um bom início do ano liberta o Tesoureiro das suas atribuições!...

## Notícias... tristes



### **Ir. António Gonçalves (Ir. André)**

O Ir. António Gonçalves, para uma grande maioria dos antigos alunos era conhecido por Irmão André, nasceu em 15 de

janeiro de 1927, na Ribeira do Fário/Ourém, entrou na Congregação do Espírito Santo, em Braga, com 25 anos, tendo feito a sua profissão religiosa em 9 de setembro de 1957, no Fraiã.

A sua missão foi sempre em Portugal, no apoio de retaguarda aos missionários que partiam e regressavam das Missões noutro país.

A sua principal atividade foi a de al-

faite que já exercia antes de ingressar na Congregação, tendo passado por quase todas as comunidades espiritanas da Província Portuguesa. Aos 86 anos de idade, por motivos de saúde, recolheu ao Lar Anima Una, onde viria a falecer em 1 de dezembro de 2014, contando 87 anos de idade.

Foi a sepultar no cemitério de Freixianda/Ourém, em jazigo da família.

### **Sentidas condolências à Congregação e a seus familiares. Que o Senhor o acolha no seu seio da Vida Eterna.**

Por informação de familiares próximos e/ou por devolução do Boletim UNIASES com a indicação de "falecido", tivemos conhecimento do óbito de:

#### **AS 1183 – José Fernandes de Castro**

Nascido em 5 de março de 1932 e natural de Santa Maria de Lamas, faleceu a 12 de outubro de 2014, no Hospital de S. Sebastião (Santa Maria da Feira) com a idade de 82 anos. Do Curso de Godim de 1943/44.

#### **AS 1117 – José Amílcar Silvestre**

Natural de Carlão/Alijó, onde nasceu em 18 de Dezembro de 1924 faleceu na sua terra natal com 89 anos de idade. Do Curso da Guarda Gare de 1936/37. Foi um dos ASES que esteve presente na Assembleia Constituinte de 27 de julho de 1958, na Torre d'Águilha, onde foram lançadas, formalmente, as primeiras pedras na construção da UNIÃO a que a UNIASES vem dando, de corpo e alma, continuação. O nosso agradecimento a todos quantos, falecidos ou ainda vivos, em boa hora nos constituíram como associação - UNIÃO dos Antigos Alunos dos Seminários do Espírito Santo – há mais de meio século.

#### **AS 1731 – Miguel Valentim Martins da Costa**

Natural da Aguçadoura/Póvoa de Varzim, onde nasceu em 12 de junho de 1963, faleceu no Canadá em 16 de novembro de 2014 com 51 anos de idade. Do Curso de Viana do Castelo de 1973/74. (Informação de seu irmão Paulo Valentin V75)

#### **AS 2137 – Aurélio Ribeiro da Silva Couto**

Nascido em 10 de fevereiro de 1945, natural das Marinhas, faleceu em Esposende em 27 de novembro de 2014; contava 69 anos de idade. Do Curso de Viana do Castelo de 1957/58. A UNIASES associou-se à família estando presente no funeral o seu Tesoureiro, Cunha Pinto.

#### **AS 1111 – José de Almeida**

O mais novo de 18 irmãos, natural da Bretanha/Ponta Delgada/Açores onde nasce em 10 de julho de 1935, faleceu, após doença prolongada, no Hospital do Divino Espírito Santo de Ponta Delgada em 1 de dezembro de 2014, com a idade de 79 anos de idade. Do Curso de 1950/51, em Godim. A sua figura anda associada ao movimento independentista açoriano, a FLA (Frente de Libertação dos Açores), da qual foi fundador em 6 de junho de 1976 cuja chama sempre transportou no seu íntimo até à última hora.

#### **AS 1521 – Manuel Dias Morgado**

Natural de Gozende-Castro Daire, faleceu em 24 de dezembro de 2014, após doença prolongada, no Hospital Infante D. Pedro, em Aveiro, com 80 anos de idade. Do Curso de Godim de 1946/47. Foi, em vida, Chefe de Finanças na Repartição de Águeda, onde residia. (Informação do Albérico Meireles que representou a UNIASES nas exéquias fúnebres).

#### **Maria do Céu Silva Lourenço Gonçalves**

Comunicou-nos José Lourenço Gonçalves, do Curso de 1948/49, em Godim, o falecimento de sua esposa em 1 de novembro de 2014, em Alvaiázere, de onde era natural. Em vida exerceu o cargo de chefe dos Serviços Administrativos da Escola Secundária de Alvaiázere.

**Que descansem na Paz do Senhor!  
Sentidos pêsames a todos os seus familiares.**

## O ESPÍRITO SANTO E EU

(CONTINUAÇÃO DO N.º 175)

BOANERGES F. BORGES

### Uma nova vida

Pelo que me foi dado observar, a estratégia estabelecida pelos responsáveis da Congregação para a década de 1940, em Portugal, devia consistir em ordenar todos os anos um número mínimo de dez novos sacerdotes, para poder cumprir os seus objectivos. Certamente, com base na experiência de anos anteriores, sabiam que precisavam de iniciar os anos lectivos com cerca de 80 alunos, para chegarem ao final dos cursos com aquele número de formados, o que representava pouco mais de 10% de aproveitamento e, simultaneamente, um enorme desperdício de recursos. Provavelmente terão concluído que esse desperdício se justificava, por permitir o tempo e outras condições necessárias para fazer uma selecção esclarecida e, assim, melhorar a qualidade dos finalistas.

Fosse como fosse, nesse Outubro de 1947 fiz parte do lote de 82 que iniciaram uma nova vida, rumo ao sacerdócio. Julgo não ser demasiado pretensioso ao admitir que a pequena história da minha passagem pela Congregação se adaptaria à pequena história de uma grande percentagem dos meus companheiros de aventura, se eles a quisessem contar. Naturalmente, ocorreram finais diferentes e houve aspectos específicos que afectaram mais uns do que outros. Mas, no essencial, apenas houve duas hipóteses de desfecho: - os que concluíram e os que não chegaram ao fim, pelas mais diversas razões. No intervalo, houve pedaços de vidas passados em comum, personalidades que se moldaram, aquisição de conhecimentos e preparação para uma vida adulta mais plena e consciente.

Apesar de ser o segundo mais novo do grupo, não era muito afectado pela diferença de idades em relação à esmagadora maioria, que se situava entre os 11 e os 13 anos. Também os havia com idades mais avançadas, sendo que o mais velho tinha 17 ou 18 anos, se a memória não me traíça, mas este subgrupo era de dimensão bastante reduzida.

Vivi os primeiros dias de seminário como se estivesse meio atordoado ou drogado, coisa de que nem se ouvia falar, nessa altura. Como era tudo novidade, as actividades sucediam-se a um ritmo constante e desenvolviam-se num ambiente estranho e, portanto, hostil. Era difícil apreender e processar tanta informação em pouco tempo. A reacção não foi pensada nem preparada, aconteceu naturalmente, como que por instinto: - deixei-me arrastar pelos acontecimentos, cumprindo com o rigor possível as ordens que me davam, sem preocupações de pensar ou analisar o que me estava a acontecer. O tempo havia de cumprir a missão de pôr as coisas no seu devido lugar, e cumpriu.

Eu era um miúdo filho de lavradores remediados, nascido e criado nos campos, sem grandes confortos, obrigado a colaborar e ajudar nas tarefas que toda a gente da casa desenvolvia, naturalmente na medida das minhas forças. É claro que

também estava habituado a brincar, só ou com as crianças das redondezas, sempre que podia dar uma escapadela. E a minha tendência e vontade para as escapadelas era muito grande, segundo a opinião abalizada dos meus familiares.

A escola, durante a instrução primária, foi, seguramente, o primeiro grande passo para a minha inserção na sociedade, em termos de convívio e pertença a um grupo. Não diria o mesmo em relação à disciplina e a métodos de trabalho. Conforme atrás relatei, tinha muita facilidade em aprender e bastava estar atento nas aulas, para me desenrascar airoosamente nas chamadas e nas poucas provas escritas ou orais que tive de prestar. Infelizmente, esta característica fez de mim um aluno preguiçoso e levou-me a sofrer alguns dissabores, sobretudo em relação a disciplinas em que era preciso decorar, como era o caso da história, da geografia ou, mais tarde, a aprendizagem de línguas.

Relato isto, apenas para frisar o choque inicial e o enorme contraste com a minha nova vida no Seminário. Passei de uma espécie de vida airada para outra diametralmente oposta, feita de disciplina vigiada e horários rígidos para cumprir ao segundo. O ambiente de clausura obrigava a silêncio permanente e opressivo que apenas se podia quebrar durante os recreios. Até as refeições eram tomadas em silêncio, com um aluno escolhido rotativamente a fazer a leitura de algum livro previamente seleccionado pelo director. Uma vez por outra, mormente em dias festivos, era autorizado o "colóquio", nome dado à permissão de se falar durante essa refeição.

O dia começava cedo para os seminaristas, ao despertar com as palmas do prefeito, pelas 6 e 30 da manhã. Havia pouco tempo para as abluções matinais: às 07.00 tinha de se estar na formação para descer as escadas, não sem antes ter puxado cuidadosamente a roupa da cama para trás, a fim de ela poder arejar. O destino era a sala maior da comunidade, para rezar em conjunto as orações da manhã. Terminadas estas, cada aluno dirigia-se para a sala da turma a que pertencia, sentava-se na carteira que lhe estava atribuída e tinha cerca de 45 minutos para estudar e preparar as aulas do dia, ou fazer outra coisa qualquer, desde que não desse nas vistas.

Às 08.00 ia toda a gente para a capela da comunidade ou do pavilhão, no caso do Fraião, onde era celebrada missa, normalmente presidida pelo director do agrupamento. Dali seguia-se para o refeitório, onde se tomava o pequeno-almoço, constituído por pão e leite com café. Antes e depois das refeições havia uma curta oração a invocar e agradecer os favores divinos, presidida pelo padre mais graduado que estivesse presente. Do refeitório seguia-se para o dormitório, fazer a cama, que tinha de ficar impecável, de acordo com o modelo estabelecido.

Seguia-se um pequeno recreio, antes de se iniciarem as aulas, que tinham

45 minutos de duração e 10 minutos de intervalo entre si. As deslocações eram feitas com os alunos alinhados em duas filas, lado a lado, com os mais pequenos à frente, seguindo-se os restantes pela ordem crescente de tamanho. Nos primeiros anos, andei sempre nos 4 primeiros lugares. Tanto quanto me lembro, havia três aulas de manhã e duas da parte de tarde, com o almoço de permeio, seguido do recreio mais longo do dia, cerca de uma hora. Não posso precisar, mas tenho a impressão de que não havia lanche, assim como não me recordo dos horários e da ordem em que eram executadas, antes do jantar, mais as seguintes actividades: - trabalhos de limpeza e manutenção, salas de estudo, recreio e reza do terço. Depois do jantar a que se seguia um pequeno recreio, havia mais uns 45 minutos de sala de estudo, as orações da noite e o deitar pelas 21.30 horas.

Talvez tenha exagerado na descrição tão detalhada das tarefas e dos horários, mas a intenção foi ilustrar a mudança e o contraste que existiu entre a vida anterior e a posterior à minha entrada para o seminário de Godim. A esta distância temporal, é difícil ajuizar sobre a racionalidade ou as possíveis incongruências destas normas.

Dada a época em que estávamos, a perceptível escassez de meios e a finalidade a que se destinavam, preparar futuros missionários, parecem-me bastante equilibradas e suficientemente sensatas. Mas isso não retira nenhuma parcela ao conjunto de choques e ao sofrimento psicológico por que passei, sem ter um ombro amigo onde pudesse encostar a cabeça e desabafar.

As férias do Natal demoraram uma eternidade a chegar. Na madrugada do dia ansiosamente aguardado para voltar a Válega, levaram-me para a estação da Régua, na companhia de todos os alunos que tinham férias e os seus destinos implicavam a passagem pelo Porto. Cabe aqui salientar que alguns não gozavam férias, porque eram originários das ilhas ou, pura e simplesmente, a família não tinha recursos para pagar as viagens ou condições para os acolher. A viagem até ao Porto foi feita com enorme excitação e no meio de uma alegria efusiva, fazendo lembrar os versos de um poeta recente: "parecem bandos de pardais à solta".

Chegados a S. Bento, cada um rumou para seu lado e eu lá me desenrascuei conforme pude, comendo o lanche que me tinham preparado e apanhando o comboio para Válega, sem problemas de maior. Ninguém me esperava no apeadeiro para dar as boas vindas, nem sequer em casa, facto que se iria repetir pela vida fora, como se a família me quisesse dar um recado: - temos a nossa vida e as nossas obrigações para cumprir e tu já tens idade e capacidade para te desvinculares.

E eu nem me dei mal com esta postura.

(Continua no próximo nº 177)

# ESTANTE

J. J. A. MOREIRA

## MEMÓRIAS DE ADRIANO



É livro bastante antigo, escreveu-o Marguerite Yourcenar entre 1924 e 1929. Comprei-o a 21 de Março de 1995, preço 2.275 escudos, no Jumbo da Maia, no tempo em que ainda valia a pena ir tão longe de carro buscar comida para animais, e outras miudezas. Esperou estes anos todos para ser lido, mas eu nunca esqueci o que toda a gente dizia, que era um grande livro, um livro enorme, como grande, enorme, era a autora. Chegou enfim a sua hora, também a minha hora.

Sei muito bem que não vou, não posso, não sei dizer quase nada de um livro tamanho. Mas posso dizer que valeu bem a pena fazer esta viagem com Yourcenar. Porque, a pretexto mas muito para além de uma longa carta do imperador romano Adriano ao seu dilecto amigo e a seu tempo sucessor Marco (Aurélio), o livro desconstrói (agora é chique desconstruir!) muito, diria quase tudo o que se pode ou deve considerar sobre a existência humana à face da terra, uma espécie de evangelho segundo Marguerite Yourcenar, muito mais do que evangelho segundo as memórias do divino Adriano Augusto.

Adriano reinou no século segundo depois de Cristo, de 117 a 138. Sucedeu ao imperador Trajano, por escolha pessoal e natural deste. Se Trajano se tinha distinguido pela expansão do império através de grandes conquistas militares, Adriano vai optar pela manutenção, protegendo as fronteiras, criando condições para a “qualidade de vida” das populações, incremen-

tando o entendimento com os bárbaros que lhe cobijavam as terras, favorecendo assim a chamada paz romana, digamos que a boa vida, ou a vida boa, a vida sã, a cultura, que fora beber sobretudo à civilização helénica. Mais de metade do seu tempo de imperador passou-o Adriano em longas viagens, com longas permanências nos seus principais “lugares de culto”, Atenas em primeiro lugar. É na perspectiva dos valores gregos, nos quais chegou a iniciar-se oficialmente com cerimónia em Eleusis, que Adriano vai longamente exposto ao “filho” Marco tudo aquilo que o guiou na vida. Partindo obviamente da posição super privilegiada de divino imperador, o livro de Adriano é, no entanto, muito mais que uma biografia não oficial (o imperador também deixou a oficial) porque se constitui em autêntica autobiografia fortemente confessional. E convém depois não esquecer que Marguerite Yourcenar, concordando e aproveitando grande parte das ideias do esclarecido imperador, lhe deu aquelas “voltas” que derivavam do seu próprio esclarecimento. E sabemos quanto era esclarecida a escritora, grande por isso.

Mas voltemos ao livro. Uma simples carta do imperador a Marco sobre aqueles que considerava serem os seus últimos dias, dada a idade avançada e sobretudo a doença que o afligia, transformou-se numa minuciosa confissão de toda uma vida. E também uma longa teorização do que considerava ser a boa governação, no contexto de um império obviamente escravagista, boa vida para meia dúzia, poderes absolutos vários, fortunas fáceis, conspirações e assassinatos “à la carte”, intrigas e desconfianças permanentes. Para Adriano um tipo de vida original, difundido naturalmente através do exemplo de imperador ambulante, uma filosofia bebida nos bons

autores gregos, um epicurismo e um estoicismo rigorosamente equilibrados (sofre e abstém-te, mas goza), um bom senso militante, uma tolerância inédita, surpreendente mas exigente e sempre sob alçada da lei romana, num tempo em que se multiplicava uma nova seita altamente estóica e aparentemente pouco hedonista, os chamados cristãos, que até davam a vida por uma nova fé no único e verdadeiro deus que enviara ao mundo o seu filho Jesus chamado o Cristo. Curiosamente apresentavam os cristãos algumas parecenças com boas práticas ditas pagãs, mas as diferenças também existiam, por vezes bem fortes. Não cabia, por exemplo, na nova seita a aceitação de “favoritos” jovens, homem para homem, como Pátroclo fora para Aquiles e agora Antínoo para o divino Adriano, uma relação misteriosa e forte até ao suicídio do jovem, prova suprema, a justificar, por decisão imperial, a fundação de uma cidade nova, com o seu nome, e a divina imortalidade devidamente venerada no Egipto, onde se imolara, e no resto do império.

Pela mão eminentemente criadora de Marguerite Yourcenar a obra atinge momentos incríveis de profunda emoção humana, sobretudo quando nos aproximamos dos últimos dias, o valor e a relatividade das coisas da vida, um suicídio ponderado e milagrosamente superado, a morte serenamente aguardada consciente, apesar do muito que sabia ter feito, que “fica tudo por fazer”, na certeza feliz de que “Adriano terá sido humanamente amado até ao fim”. E, mesmo a acabar, “Contemplemos juntos, um instante ainda, as praias familiares, os objectos que certamente nunca mais veremos... Procuremos entrar na morte de olhos abertos...”

Era tão bom viver e poder morrer assim.

### UNIASES - CGD - BARCELINHOS

**NIB 0035 2008 0003 8874 930 35 | CONTA Nº 2008 038874 930**

Simplifique a sua participação para as Quotas - Fundo de Solidariedade - Bolsas - Jornal...

No Descritivo escreva nome completo ou Às n.º \_\_\_\_\_

**MORADA PARA CORRESPONDÊNCIA: UNIASES Apartado 1098 4710-908 BRAGA**

**CONTACTOS** ases@portugalmail.pt

Presidente: 969 690 551 - 214 445 827 - alberto.r.melo@netcabo.pt

Tesoureiro: 919 441 970 - 253 951 257 - cunhapintobraga@sapo.pt